

ÁGUAS DE MAIO: A ENCHENTE DE 1941 EM RIO GRANDE

LUIZ HENRIQUE TORRES*

Resumo: Há 70 anos atrás as águas da Lagoa dos Patos transbordaram e começaram a invadir as ruas e prédios da cidade do Rio Grande. Com ansiedade a população assistiu o temeroso momento em que o convívio tão próximo com as águas junto a Estuário da Lagoa dos Patos poderia se tornar dramático. Este artigo faz uma primeira incursão em documentos, jornais e revistas, buscando contextualizar e evidenciar os impactos de um evento climático extremo no cotidiano de uma das principais cidades do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: enchente; 1941; eventos climáticos extremos.

Abstract: 70 years ago the waters of the Patos Lagoon overflowed and began to invade the streets and buildings of the city of Rio Grande. Anxiously watched the population fearful moment that living so close to the waters along the Patos Lagoon Estuary could become dramatic. This article makes a first foray into documents, newspapers and magazines, seeking to contextualize and highlight the impacts of an extreme weather event in the everyday of the major cities of Rio Grande do Sul.

Keywords: flood; 1941; extreme wheater events.

1. Rio Grande e o ecossistema costeiro

Foi, em verdade, uma revolução dos elementos da natureza, associados numa empreitada sinistra de destruição e angústia, contra a inteligência e os recursos humanos, impotentes e impassíveis ante a fúria das águas – fonte soberba de vida – transformadas em motivo de desalento, de desespero e de dor (RELATÓRIO, 1941).

O município do Rio Grande, desde seus primórdios na primeira metade do século 18, dinamizou sua trajetória histórica

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento Costeiro (FURG). Doutor em História do Brasil (PUCRS). lht2@bol.com.br

fundada na relação com as águas da Lagoa dos Patos e do Oceano Atlântico. Através da Barra do Rio Grande, as águas da Lagoa dos Patos deságuam no Oceano, propiciando as condições geofísicas para através da ação cultural humana, ser edificado o único espaço marítimo em todos mais de 600 km da orla litorânea do Rio Grande do Sul. Rio Grande surgiu junto ao Estuário da Lagoa dos Patos através dos influxos, respectiva e cronologicamente: da integração econômica promovida pelo ciclo do gado; dos enfrentamentos geopolíticos e militares entre portugueses e espanhóis; da economia charqueadora e posteriormente da região colonial rio-grandense; do comércio de exportação e importação; dos processos industriais que eclodiram desde a década de 1870 e assumiram várias faces: dos bens de consumo não duráveis aos empreendimentos do Pólo Naval na atualidade. A produção econômica e os fluxos humanos interligando os espaços inter-provinciais/estaduais ou em conexões com portos nacionais e internacionais, trazem o sentido histórico desta cidade plenamente inserida no ecossistema costeiro do Rio Grande do Sul. Este convívio tão próximo às águas, desde o século 18, faz parte da identidade local e também produziu imaginários oriundos desta relação nem sempre pacífica. Inúmeras vezes, especialmente nos escritos de jornais que desde 1832 estão presentes na nascente urbe, indicavam as expectativas econômicas, apreensões ou medos em relação às condições atmosféricas ou aumento do nível da Lagoa, chamada na maioria das fontes, de “mar”. Sejam notícias de naufrágios na Lagoa dos Patos ou no Oceano nas imediações da entrada da Barra “diabólica” do Rio Grande, incidentes motivados por ventos ou tempestades característicos da região; sejam notícias de alagamentos na cidade ou na Ilha dos Marinheiros, Torotama ou Leonídio, devido ao aumento ou represamento das águas que deveriam escoar para o Oceano. As *histórias do medo* (DELUMEAU, 2009: 54), mesmo que fragmentadas, estão presentes na documentação.

A cidade é uma expectadora da passagem de um contínuo fluxo das águas que serão despejadas no Oceano, águas nem sempre pacíficas mas que são alimentadas pela grande bacia

hidrográfica de inúmeros arroios e rios que escoam desde o planalto, depressão central, serra do sudeste e planície litorânea. O evento da Grande Enchente de 1941 é um exemplo de que este convívio faz parte de um processo dinâmico e não imutável. Não podemos esquecer que não é só o homem que modela as paisagens, mas a natureza continua a fazer novas modelagens de acordo com dinâmicas climáticas complexas ligadas ao aquecimento global (fundadas na autonomia do ciclo solar ou com a intervenção industrial humana?). Estes eventos extremos, como a Enchente de 1941, fazem questionar a suposta imutabilidade da paisagem e especialmente, refletir sobre os fatores e também as prevenções para acontecimentos climáticos de grande porte que tem se intensificado no Brasil nas últimas décadas.

2. A Barra do Rio Grande e o *El Niño*

A zona do alto comércio, intransitável; grande parte das nossas indústrias, paralisadas; uma multidão de famílias, em sua grande maioria, formada por operários, expulsa dos seus lares e impedida de trabalhar; as comunicações intermunicipais, interrompidas; a vida do município, grandemente desorganizada; as ilhas circunvizinhas, alagadas e, uma delas, escondida pelo mar (RELATÓRIO, 1941).

O ano de 1941 trouxe uma provação difícil para os moradores do município do Rio Grande: a Grande Enchente, um fenômeno de dimensões até então desconhecido nos registros. Os anos de 1940-1941 foram de excesso de chuvas, atuando o *El Niño*. Os anos seguintes foram de seca, associado ao fenômeno *La Niña*:

Ao comparar-se o ano em relato (1943) com os dois anteriores, fica patente o déficit que nos encontramos com relação ao elemento água. A intensidade da seca de 1942 nem de longe pode ser comparada com a deste último ano, pois naquele ano existia ainda apreciável reserva hídrica no solo proveniente da considerável altura pluviométrica registrada em 1941 (1.828mm); em 1943, porém, essa reserva era quase nula e como consequência resultou ser a seca bem mais forte e prejudicial que a do ano anterior (PIMENTEL, 1944:187).

Portanto, no ano de 1941, Rio Grande recebeu um volume de 1.828mm de chuvas muito além de sua média anual de 1.200-1.300mm (ANUÁRIO, 1941:55). Ressalte-se que o excesso de

chuvas contribui para o saturamento do solo mas não é o fator principal da Grande Enchente. As chuvas excessivas ocorridas em grande parte do Rio Grande do Sul e escoadas pela Lagoa dos Patos¹ até a Barra do Rio Grande é que promoverão a elevação das águas que invadiram a cidade.

O *El Niño* pode ser um antigo visitante do Rio Grande do Sul e do município do Rio Grande. As medições da temperatura do Oceano Pacífico Equatorial somente começaram em 1877,² quando da ocorrência deste fenômeno com forte intensidade. A muitos séculos ele pode fazer parte do cenário climático de vários países. Mas o que é o *El Niño*? O fenômeno consiste em alterações significativas na distribuição da temperatura superficial das águas do Oceano Pacífico Equatorial. Isto ocorre, porque os ventos sopram com intensidade menor no centro do Oceano Pacífico, ocasionado uma diminuição da ressurgência de águas profundas e na acumulação de água mais quente que a temperatura normal na costa oeste da América do Sul. Alterando o clima no Pacífico Equatorial, as massas de ar quentes e úmidas provocam maiores volumes de chuva na costa oeste da América do Sul e secas na Austrália e na Indonésia. Na Região Sul, o fenômeno está associado com o aumento nas chuvas.

O termo tem sua origem na observação feita por pescadores da costa oeste da América do Sul, de que os peixes escasseavam quando a temperatura da água do oceano era mais alta que o normal. A referência a *El Niño*, o “menino Jesus”, é que o fenômeno é percebido próximo ao Natal. No século 20, os três eventos mais fortes do *El Niño* foram em 1940/1941, 1982/1983 e 1997/1998, que provocaram fortes enchentes e danos materiais

1 A Lagoa dos Patos é classificada com a maior lagoa do tipo estrangulado (*choked lagoon*) do mundo com uma área de 10.227 km² (ASMUZ, 1998:9). O município do Rio Grande está localizado no estuário da Lagoa dos Patos (zona compreendida entre a Barra do Rio Grande e uma linha ligando a Ponta da Feitoria e a Ponta dos Lençóis (município de Pelotas), numa extensão aproximada de 70km). Este estuário apresenta parâmetros físico-químicos que dependem marcadamente do vento e da chuva. O padrão de precipitação pluviométrica também tende a variar de um ano para o outro devido à influência dos fenômenos *El Niño* e *La Niña*. (cf. SEELIGER, U.; COSTA, C. & ABREU, 1998: 73).

2 No Rio Grande do Sul, as medições sistemáticas da temperatura só começaram em 1911. Para Rubens Junqueira Villela “a falta de tradição brasileira do estudo da meteorologia explica em parte esse vácuo de informações mais precisas, fruto da ausência de séries históricas longas com dados suficientes para permitir comparações” (JUNQUEIRA, 2011).

no Sul do Brasil (BERLATO; FONTANA, 2003: 110).

Em anos de ocorrência do fenômeno *El Niño*, o volume de chuva tende a ficar acima ou muito acima da média no Rio Grande do Sul especialmente na região oeste e noroeste. “Os volumes pluviométricos tendem a ser superiores a média em quase todos os meses do ano. Contudo, dois períodos são marcados historicamente por chuvas muito expressivas e cheias: a primavera no ano de começo do *El Niño* e os meses de abril, maio e junho no ano seguinte. Foi justamente durante o *El Niño* de 1939/1941 que se produziu a grande enchente de 1941 em Porto Alegre. Nos meses de abril e maio daquele ano o volume pluviométrico superou os 1.000 milímetros em alguns pontos do território gaúcho. Porto Alegre registrou 791 milímetros de chuva acumulados em abril e maio de 1941”.³

Historicamente, há relatos de enchentes em Rio Grande mas que não alcançaram a dimensão da Grande Enchente de 1941. Um dos registros mais antigos das águas da Lagoa dos Patos terem transbordado, recua ao ano de 1857 quando a água subiu e invadiu a rua da Boa Vista (rua Riachuelo), área essencial para a dinâmica da cidade, que é o atual Porto Velho. O jornal *Diário do Rio Grande* assim relatou o evento ocorrido em 3 de abril daquele ano:

A copiosa chuva que ontem caiu durante todo o dia, acompanhada de forte vendaval, ocasionou grandes estragos na cidade. A cidade amanheceu alagada. O extenso campo denominado ‘Pântano’ era um mar, desde o telégrafo da Mangueira; e neste triste estado ficaram as ruas do BomFim e Alegre. A maré encheu tanto que, pela primeira vez, o mar ficou superior à estacada da Boa Vista. Na rua do Canal, a água cresceu a 5 ou 6 palmos, e no mesmo estado ficou a praça da cadeia nova. Na rua da Caridade e na dos Cômoros até a rua Francisco Marques, chegou-se a conduzir gente em grandes canoas. Algumas famílias moradoras no ‘Pântano’ abandonaram suas casas ao principiar o temporal. Da ilha do Ladino também retiraram-se alguns moradores com suas famílias. Cairam para mais de 40 ceva de tábuas e uns 10 a 12 muros de tijolos. Caiu, também, uma frente de casa na Geribanda e parte de uma obra da rua do Rosário. Ficou rasa uma casa velha, na

3 Segundo o meteorologista Eugênio Hackbart da *Metsul climatologia*, o *El Niño* traz chuva e temperaturas acima da média para o Rio Grande do Sul e seca no Nordeste do Brasil. Já o fenômeno *La Niña* está associado a secas e anos mais frios no sul e chuvas acima do normal no Nordeste. São fenômenos de tendência climática de ciclo curto enquanto a Oscilação Decadal do Pacífico (PDO) é uma tendência de ciclo médio (20 a 30 anos). PDO positiva assinala episódios de *El Niño* mais frequentes e intensos. PDO negativa maior episódios de *La Niña* e mais intensos. Na década de 1940, o PDO estava positivo. Já os processos de longa duração, os ciclos seculares, estão ligados à atividade solar (HACKBART, 2006).

rua das Flores, e arriou a cumieira de uma outra, na rua do Rosário, em frente ao Hospital Militar. Sofreram muitos telhados, entrando nesse número o da Alfândega, onde choveu e molhou-se alguns fardos com fazendas. A cadeia ficou toda circundada pela maré, e sofreu muito, rachando-se as paredes do lado do mar; e perdendo-se o zinco que a cobria, e que foi todo pelo ar (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 04/04/1857).

No dia 15 de outubro de 1873 as águas trazidas pela Lagoa dos Patos, novamente romperam o limite do cais: “Com a descida das águas do Guaíba, encheu extraordinariamente nossa baía. A água, na rua Riachuelo, chegou em alguns lugares até a calçada. A praça do Comércio e o Mercado, ficaram quase circundados de água, atracando as lanchas na banca do peixe. Os terrenos do litoral, assim como o pântano estão todos alagados (...) as águas invadiram quase todos os terrenos da Caridade Nova. O caminho que vai a Capitania ficou interceptado pelas águas. Segundo afirmaram pessoas idôneas é uma cheia que há longos anos não tem tido igual” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 15/10/1873).

Além da enchente, que são episódios mais raros, as chuvas são motivos de crítica constante nos jornais. Os alagamentos faziam com que ruas da cidade se tornassem intransitáveis e a água parada dava a aparência de alagadiços e pântanos nas áreas centrais. As quadras das ruas da cidade que não estão calçadas “estão transbordando d’água, devido a muita chuva que tem havido nestes últimos dias. Os agentes da municipalidade (os fiscais) que por dever deviam mandar esgotar esses numerosos lagos nada fazem, - nem tem feito!” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 06/04/1878).

Frente as ruas molhadas, um comércio internacional de apetrechos é oferecido a população: “Superiores sapatos de borracha chegados em direitura da América, na barca americana *St. Joseph*; vendem-se em porção e a varejo na fábrica nacional de chapéus de todas qualidades de Candido & Bastos à rua Direita nº 85” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 08/05/1854). Na corrida imperialista de fornecimento de produtos para os países latino-americanos, também estavam disponíveis os calçados ingleses e franceses: “Calçado inglês e francês, próprio para o tempo úmido, por ser de sola grossa e impermeável; vende-se na rua da Praia nº 42, loja de Silva & Costa” (DIÁRIO DO RIO GRANDE,

06/04/1860). E para as situações críticas, até salva-vidas eram anunciadas: “Já não se morre afogado. Salva-vidas de borracha da última invenção, muito próprios para os viajantes; chegaram à fábrica de chapéus de Antonio Bastos, à rua Direita n°108-119” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 06/05/1855).

Portanto, o convívio conflituoso com as águas móveis da Lagoa ou paradas ao longo da cidade, é histórico. Este processo emergiu intensamente a partir do ano de 1940, que se apresentou com precipitações bastante superiores às normais, notadamente na metade oeste do Planalto, parte sul do Litoral, Serra do Sudeste, Depressão Central, Missões e Baixo Vale do Uruguai, onde os afastamentos positivos ficaram entre 15% e 55%” (ANUÁRIO, 1941: 40). O cenário repetiu-se no ano seguinte trazendo grandes prejuízos a economia local e desalojando milhares de pessoas. Mas como depende-se da precipitação de chuvas no ano de 1941, a situação superou as expectativas mais pessimistas e o escoamento destas águas teve um custo muito alto para os moradores de Rio Grande.

3. Rio Grande em 1941: população, comércio e indústria

Nos primórdios da década de 1940, com uma população aproximada de 60.000 pessoas, Rio Grande tinha mais de 8 mil prédios na sede, distribuídos em 10 avenidas, 97 ruas, 44 travessas, 16 largos e praças, 1 parque e 3 praias. Os prédios que se destacavam no período era o da Alfândega, Capitania dos Portos, Mesa de Rendas, Quartel General, Quartel do 9º Regimento de Infantaria, Prefeitura Municipal, Biblioteca Rio-Grandenses, Ginásio Lemos Junior, Colégios Juvenal Miller e Bibiano de Almeida, Clube do Comércio, Clube Caixerai, Clube Saca Rolhas, Grêmio Luzitano, Centro Português, Hospital da Santa Casa de Misericórdia, Beneficência Portuguesa, Convento e Igreja do Carmo, Liceu Leão XIII, Associação dos Empregados no Comércio e muitos outros. Espaços religiosos em destaque era a Igreja Matriz de São Pedro, Matriz do Carmo, N. S. Da Conceição, N. S. do Bomfim, Sagrado Coração de

Jesus, Igreja do Salvador etc. A iluminação elétrica contava com 6.600 ligações domiciliares. As ruas possuíam 919 lâmpadas e os logradouros públicos 88. Em 1940, o transporte realizado por bondes apresentava 24.500 metros de linhas e transportaram 5.386.841 passageiros (PIMENTEL, 1944: 56-78). Em outubro de 1939 foi inaugurado o tráfego de ônibus. Em dezembro de 1940, 5 ônibus *Ford* e *Chevrolet* já circulavam pela cidade. Em 1940 foi inaugurada uma linha de ônibus entre a cidade e o Taim. Em 1941 havia quatro cinemas e a média de frequência era de 42 mil espectadores por trimestre. “Em conjunto as praças são das melhores que conhecemos no território gaúcho, notadamente a Francisco Xavier. As praças e os jardins públicos de Rio Grande estão todos eles muito bem cuidados e constituem notadamente aos olhos do forasteiro, um honroso atestado da atenção dispensada pelo poder público municipal à parte referente ao embelezamento urbano” (PIMENTEL, 1944:60). Em 1939, com grandes festejos, havia sido inaugurado um monumento em homenagem ao fundador da cidade, José da Silva Paes na praça Xavier Ferreira. O monumento também ficou isolado quando do avanço da enchente sobre a praça.

Desde 1908 começa a ser instalada a energia elétrica na cidade. Em 1935 passa a funcionar a Central Elétrica (no local da atual CEEE) neste prédio que foi parcialmente alagado pela Grande Enchente. O primeiro prédio com elevador da cidade foi o da Câmara de Comércio, prédio em estilo *art-déco* que estava em construção ficando isolado pelas águas durante a enchente. No início dos anos 1940 outro avanço tecnológico: estava surgindo à primeira estrada asfaltada do Rio Grande do Sul ligando o Parque Rio-Grandense (na altura do atual pórtico) até o Cassino. Dos 8 mil prédios da cidade, 4.500 dispunham de recolhimento de esgoto e 5.500 de abastecimento de água encanada fornecido pela Companhia Hidráulica Rio-Grandense. Em 1940, a média de pessoal empregado na indústria era de 7.052 pessoas (SALVATORI, 1989). Apesar de um cenário relativamente promissor, é preciso ressaltar que a baixa remuneração da mão-de-obra caracterizava o processo industrial, com má distribuição de renda e proliferação de cortiços. A industrialização dispersa,

que caracterizou a economia da cidade até esta década, entrará em decadência provocando falências de empresas na década de 1950, com o fechamento de grande parte do parque industrial tradicional. A integração da economia nacional, encabeçada por São Paulo, processo iniciado na década de 1930, trará graves conseqüências para Rio Grande (MARTINS, 2006:101).

O capital de exportação e importação, atividade que recuava a primeira metade do século 19, vivia um momento de expectativa frente à Segunda Guerra Mundial que intensificara-se na Europa e que chegaria aos Estados Unidos até o final de 1941. A indústria estava ligada especialmente aos ramos têxtil, de carne frigorificada e de alimentos enlatados. Desde 1937, a Refinaria Ipiranga fazia parte do cenário econômico da cidade. No segmento industrial, empresas como a Rheingantz (União Fabril), Charutos Pooch, Ítalo-Brasileira, Swift, Leal Santos e as empresas do empresário Luiz Loréa, projetavam Rio Grande no cenário estadual e nacional. No mês de agosto de 1942, frente ao afundamento de navios mercantes brasileiros, ocorreu em varias cidades brasileiras quebra-quebra de propriedades de imigrantes alemães, italianos e japoneses. Em Rio Grande, cuja economia tinha forte presença alemã, as atividades de comércio e indústria sofreram uma forte retração em decorrência das perseguições aos teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros. Durante a enchente, uma das principais empresas aqui radicadas e com sede em Hamburgo-Alemanha, a Bromberg, colocou o seu palacete à disposição da Comissão Central para atendimento dos flagelados. Com a entrada do Brasil na Guerra, a empresa foi obrigada a encerrar as atividades.

4. No cotidiano da enchente

E quando o flagelo das águas alcançou o máximo da sua extensão, um verdadeiro mar cobria os quadrantes Norte, Sul e Oeste da cidade. Daí, então, saiu o contingente formado por milhares de flagelados com que a nossa população pagou o seu tributo à Grande Enchente (RELATÓRIO, 1941).

Foi um outono muito chuvoso no Rio Grande do Sul. No mês de abril os municípios de Santa Maria, Carazinho, Gravataí, Arroio do Meio, São Sebastião do Caí, Santo Antonio da Patrulha, Novo Hamburgo e São Jerônimo, apresentavam alagamentos. Em várias outras cidades, no mês de maio, os rios romperam o leito e provocaram alagamentos. Foi o caso, no Vale do Rio Pardo, de Venâncio Aires com 1.000 desabrigados e Rio Pardo, com 500. Ou na Lagoa dos Patos, São Lourenço do Sul e Pelotas.

Em Porto Alegre, foram 22 dias de chuva durante os meses de abril e maio de 1941, resultando na maior catástrofe climática vivida por esta cidade em toda sua história, apesar do registro de várias outras enchentes desde 1823. O saldo foram 70 mil pessoas (de uma população de 272 mil habitantes) que tiveram de abandonar suas casas, elevados prejuízos financeiros e mais de 600 empresas afetadas, levando meses para retornarem as atividades ou decretando falência. Foi no dia 30 de abril que as águas invadiram o cais do porto e rumaram para o centro da cidade numa marcha contínua. O ápice de altura, foi no dia 8 de maio, quando o vento Minuano fez com que as águas do Guaíba fossem represadas chegando ao recorde histórico de 4,76 metros acima do nível normal. O resultado foi a maior enchente já vivida por Porto Alegre (GUIMARÃES, 2009).

As notícias da enchente em Porto Alegre, começaram a alarmar os moradores da cidade litorânea do Rio Grande que passam a acompanhar com expectativa o fluxo intenso das águas que chegavam até a Barra. Em Rio Grande, entre 10 de abril e 14 de maio, choveu em 24 dias, num total de 397,7mm. Algo diferente estava ocorrendo num solo já encharcado mas que ainda permitia a manutenção das atividades normais. Porém, no dia 4 maio as águas transbordaram e alagaram várias residências e empresas inviabilizando a continuidade das atividades produtivas de vários estabelecimentos. Os prejuízos foram enormes com a destruição de parte dos maquinários, matéria-prima ou produtos já industrializados, além da destruição de vários trapiches entre a região do Bosque até o Porto Velho. A inundaçãõ surgiu pelo cais fronteiro ao Mercado Público, pela rua Riachuelo e por toda a

extensão da margem do canal. Rapidamente, todo o litoral norte e sul, incluindo o Saco da Mangueira, foram invadidos pelas águas. O jornal *O Tempo* ressaltava na capa do dia 11 que a enchente atingia proporção jamais vista (O TEMPO, 11/05/1941). Neste dia 11, um domingo, às 21 horas, as águas atingiram o máximo de altura até então verificada, ficando completamente interrompido o trânsito nas ruas Riachuelo, Marechal Floriano, no trecho compreendido entre a Travessa do Afonso e a rua Andrade Neves, General Osório, Francisco Campelo, Avenida Portugal e ruas transversais. As ruas General Vitorino, General Câmara, Barão do Cotegipe e outras, paralelas, ficaram totalmente alagadas em toda zona oeste” (O TEMPO, 13/05/1941). Neste dia, a água tornou impossível a entrada na Santa Casa pela porta principal, onde na frente do prédio, ficava um cais de atracação. A água estava a dois centímetros de invadir o hospital! As principais ruas do comércio, a Marechal Floriano e a Riachuelo tiveram suas atividades totalmente paralisadas nos dias seguintes.

Neste domingo, dia 11 de maio, foi um marco da elevação das águas. Um cronista registrou a ruptura do cotidiano da cidade, que entre a surpresa e o pânico, estabeleceu laços de solidariedade frente ao avanço do sinistro:

Diferente, extremamente desigual dos outros foi esse domingo que passou. Um estranho vai e vem por todos os recantos da cidade, emprestava aspecto singular as nossas ruas. Ante aquele volume considerável de água que, pouco a pouco se estendia para o centro da cidade, numa invasão irreverente, enervante, cada semblante revelava um estado d'alma torturado pela incógnita da maré que subia, subia assustadoramente, a cada olhar uma interrogação dolorosa, dirigida ao próprio mar, feito, agora algoz da sua eterna namorada, da sua noiva romântica, daquela mesma Rio Grande cujo branco areial ele sempre embriagou na poesia dos seus beijos arrebatadores (...) Toda a gente veio pras ruas como nos grandes dias de festas populares. Automóveis, caminhões e carroças cruzavam a todo o instante, coalhados de móveis e de flagelados. Movimento intenso, desusado. Curioso, porém, a cidade estava triste. Tristeza coletiva, tristeza que significa por isso, que reveladora da comunhão de sentimentos que forma o apanágio do nosso povo. Os abrigos de emergência abarrotados de homens, mulheres e crianças, expulsos dos seus lares pela impiedosa enchente. Os soldados do fogo formam agora um pelotão aquático. Descalços, ensopados até a cintura, os bombeiros, as praças do Exército e da Brigada Militar, e um sem número de particulares, escrevem um poema, impressionante de solidariedade humana, de auxílio aos desesperados e de caridade cristã. Esse domingo que passou não foi igual aos outros. Escoadouro natural por onde o Rio Grande do Sul oferece ao Brasil e ao estrangeiro a exuberância da sua produção e do seu trabalho, em benefício da riqueza maior do Estado, a nossa cidade se transformou,

também, em garganta prodigiosa, vomitando para o oceano todo esse aguaceiro imenso que perturbou, o ritmo esplendente da vida e da prosperidade do extremo-sul brasileiro. E o nosso Rio Grande, suporta, com resignação e confiança, o peso dessa calamidade, certo de que, o último punhado de água, que sobrar da cheia sem precedentes e que atravessar a nossa barra, há de levar, atrás de si, aflição de todos os filhos do Rio Grande do Sul; há de constituir, por isso mesmo, o mais seguro penhor de que o nosso Estado retornou as suas atividades normais e reiniciou retemperado na expressão, da própria tragédia que viveu, a sua marcha soberba rumo a grandeza dos alevantados e superiores destinos que o aguarda (O TEMPO, 13/05/1941).

Conforme o cronista, captando o sentimento simultâneo aos acontecimentos, a cada olhar uma interrogação dolorosa, dirigida ao próprio mar, que transformou-se em algoz. O “estado d’alma” da população estava torturado pela elevação da maré. Os bondes ficaram paralisados nas linhas Matadouro e Porto (Macega) sendo modificado o itinerário do Circular em vista das águas que atingiram as ruas Riachuelo e Barroso.

No Bosque Silveira as águas avançaram cerca de 550 metros além do mar. Em virtude da inundação de diversas guaritas de cabos subterrâneos, o serviço telefônico local foi prejudicado elevando-se a 252 o número de aparelhos sem ligação. Ontem pela manhã dois menores brincavam dentro de um caixote de madeira nas águas existentes a rua Francisco Campelo esquina General Neto. Em dado momento a correnteza das águas carregou o barco improvisado para o lado do mar, com grande risco de vida para os dois imprudentes menores. O sr. Julio Rodrigues, capataz geral da L. P. que se encontrava nas proximidades, com uma corda conseguiu laçar o caixote e trazer para terra firme as duas crianças que foram entregues às respectivas famílias (O TEMPO, 13/05/1941).

Conforme a *Revista do Globo*, na rua Riachuelo as águas subiram a mais de meio metro de altura, invadindo residências e estabelecimentos comerciais. Os armazéns do Porto Velho, repletos de mercadorias, não foram alagados, faltando poucos centímetros para a invasão das águas. “Na rua Riachuelo, como nas principais ruas de Porto Alegre, também navegaram as canoas por trechos nunca dantes navegados, oferecendo espetáculos curiosos à população” (REVISTA DO GLOBO, 31/05/1941). A *Revista do Globo* também destacou com fotografias a rua Coronel Sampaio e General Osório que ficaram inundadas em toda a sua extensão. Os trilhos da Viação Férrea foram arrastados pelas águas numa extensão de 300 metros entre o Povo Novo e o Capão Seco, impedindo a chegada dos trens. Cenas típicas da cidade de

Veneza, o vai e vem das canoas junto das edificações, passam a fazer parte do cotidiano da cidade naqueles dias.

Na noite de 12 de maio as águas na Barra atingiam 1,38m, no Porto Velho 2,15m e no Porto Novo 1,85m, num volume de descarga no Oceano de 78 milhões de toneladas por hora e velocidade de 3,5 milhas por hora. Os flagelados das Vilas Pretas foram recolhidos ao Armazém B1 do Porto Novo. Cinquenta retirantes da Ilha da Torotama chegaram a cidade (O TEMPO, 13/05/1941). As águas faziam movimento de baixa trazendo esperança que logo era frustrada:

Ontem (15), as primeiras horas da manhã, as águas baixaram consideravelmente notando-se no cais no Porto Velho quase que a altura normal do mar. Às 10 horas, porém, e de forma brusca, as águas se elevaram novamente e atingiram nível dos dias anteriores, notando-se, à noite, ligeiro declínio das águas. Esse fenômeno deve-se a influência lunar sobre os mares (O TEMPO, 16/05/1941).

No dia 17 as águas apresentaram uma acentuada elevação, ocasionando a inundação de mais casas. Na madrugada deste dia as águas atingiram o nível máximo até então alcançado junto à área central. Porém, o ápice ainda estava por vir! No dia 19, sob ação do vento nordeste, às águas atingiram a altura máxima invadindo ainda mais residências, aumentando os flagelados e paralisando grande parte do tráfego de bondes. Até os bondes da linha Silva Paes pararam pois a esquina com as ruas Barroso e Pedro II estava alagada (O TEMPO, 20/05/1941). Porém, para alívio da população, a elevação das águas começaria uma rápida redução nas horas seguintes. No dia 20, o processo desencadeado no dia 4 de maio, entrava em declínio para euforia expressa no jornal: “As águas baixaram. Esse foi o grato comentário de toda a gente, durante o dia de ontem (...) grande parte da cidade até ante-ontem coberta pelas águas, oferece trânsito a pé enxuto (O TEMPO, 21/05/1941).

Foram recolhidas aos abrigos de emergência 3.905 pessoas. Um número ignorado recolheu-se a casa de parentes e amigos, mas pela ampla região abrangida pela inundação pode ter sido considerável. Além das perdas materiais em nível das residências, as perdas em maquinários, estoques, matérias-primas e estruturas físicas das empresas foi muito elevada. O período de desativação

das atividades acarretou em grandes prejuízos pela não produção e até perda de mercados. Trabalhadores sazonais sem trabalhar não tinham renda. Assim como os prejuízos aos agricultores, a maioria voltados ao cultivo da cebola, quase sempre foi total nas áreas abrangidas pela enchente. O número daqueles que abandonaram as atividades agrícolas nas ilhas é desconhecido mas certamente foi relevante, pelos grandes prejuízos sofridos nas chácaras, ampliando o êxodo rural em curso desde as primeiras décadas do século 20.

Na Torotama, onde moravam 1.500 pessoas, uma lâmina de até 1 metro de água permaneceu por 34 dias, provocando o abandono temporário da localidade e a morte de 2.000 cabeças de gado. Na Ilha dos Marinheiros, onde viviam 2.400 pessoas em 300 chácaras, o chamado pela imprensa de “celeiro do Rio Grande”, os prejuízos com a enchente fizeram com que muitos moradores desejassem “abandonar aquelas plagas” (RELATÓRIO, 1941). Os prejuízos nas ilhas, com o plantio da cebola, vinhedos e hortifrutigranjeiros foi total. Os pescadores também tiveram grandes perdas de redes, barcos e utensílios, além da inviabilidade ou redução do pescado nas semanas seguintes a enchente.

O apoio dado aos desabrigados foi fundamental evitando epidemias decorrentes deste tipo de evento, inclusive de leptospirose, que em Porto Alegre teve alguns casos. Quase 16.000 vacinas contra tifo foram aplicadas, além de vacinação contra difteria e desintéria, realizada pelo Centro de Saúde. A Comissão Central de Auxílio aos Flagelados coordenou os esforços de apoio a população desabrigada com alimentação e estadia. A Santa Casa dobrou os atendimentos durante o período em foco. Tiveram destacada atuação o Corpo de Bombeiros, o Exército, a Brigada Militar, a Capitania dos Portos, a Liga Feminina da Ação Católica, a Sociedade União Operária e vários segmentos da comunidade. As refeições eram distribuídas em quatro locais: Sociedade União Operária, Escola Agnella Nascimento, Vila Junção e Parque.

O governo municipal do prefeito Roque Aita Junior, tabelou o preço do arroz e da batata, incentivando os consumidores a

denunciarem abusos. Em Porto Alegre, inúmeros comerciantes foram para a cadeia por abusarem dos preços. Em Rio Grande, algumas empresas foram autuadas por aumentarem o preço do querosene.

A vida cultural do cinema e teatro não parou durante a enchente. Viviam-se na Era do Rádio e não na Era da Tv, o cinema era ainda a grande indústria cultural no campo visual, tendo grande frequência de público. Diferente de Porto Alegre, onde os cinemas na área da “Pequena Broadway” ficaram alagados, em Rio Grande continuaram funcionando assim como as apresentações teatrais. Os cinemas Carlos Gomes, Avenida e Guarani mantiveram seções. O Teatro Politeama apresentava o espetáculo *La Cumparsita* (Companhia Lison Gaster de Sainetes e Revistas). Inclusive era divulgado no jornal do dia 28 de maio, uma peça que estrearia no dia 7 de junho no Teatro Sete de Setembro: “Chuvas de Verão”! Depois das devastadoras “chuvas de outono”, será que o público teve inspiração para assistir “Chuvas de Verão”?

O jornal *O Tempo*, a partir do dia 24, volta as suas manchetes a temas anteriores a enchente: todos ligados a guerra na Europa, conflito que se aprofundou e que teve um novo e decisivo integrante, no dia 7 de dezembro de 1941, com o ataque japonês a Pearl Harbour: a entrada dos Estados Unidos na Guerra. O olhar na Segunda Guerra Mundial passa a ser o foco, porém, a memória dos eventos até hoje é lembrada pelas pessoas que ainda se recordam dos dias em que as águas, rompendo drasticamente a relação histórica de harmonia e desarmonia, tiveram um convívio próximo demais dos moradores da cidade.

Referências bibliográficas

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ESTADO. Porto Alegre: Departamento Estadual de Estatística do Rio Grande do Sul; Oficina da Livraria do Globo, 1941, v.1.

ASMUZ, M. A Planície Costeira e a Lagoa dos Patos In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C; CASTELLO, J. (Edit.) **Os Ecossistemas Costeiro e Marinho do Extremo Sul do Brasil**. Rio

Grande: Ecoscientia, 1998.

BERLATO, M.A.; FONTANA, D.C. *El Niño e La Niña*: impactos no clima, na vegetação e na agricultura do Rio Grande do Sul - aplicações de previsões climáticas na agricultura. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 4 de abril de 1857.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 15 de outubro de 1873.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 6 de abril de 1878.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 8 de maio de 1854.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 6 de abril de 1860.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 6 de maio de 1855.

RELATÓRIO – Extensão, repercussão e danos causados pela Grande Enchente 1941. Dirigido ao Prefeito Municipal do Rio Grande Dr. Roque Aita. Rio Grande: julho de 1941 (datilografado e sem autor).

GUIMARÃES, Rafael. **A Enchente de 41**. Porto Alegre: Libretos, 2009.

HACKBART, Eugênio. **Metsul climatologia**. www.metsul.com (08-06-2006).

MARTINS, Solismar. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanização (1873-1990). Rio Grande: Edfurg, 2006.

OTEMPO. Rio Grande: 11 de maio de 1941.

OTEMPO. Rio Grande: 13 de maio de 1941.

OTEMPO. Rio Grande: 16 de maio de 1941.

OTEMPO. Rio Grande: 20 de maio de 1941.

OTEMPO. Rio Grande: 21 de maio de 1941.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos do Município do Rio Grande**. Porto Alegre: Oficina Gráfica Imprensa Oficial, 1944.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre: 31 de maio de 1941, p. XIII.

SALVATORI et al. Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: vol. 51, n.1, 1989.

SEELIGER, U.; COSTA, C. & ABREU, P. In: **Os Ecossistemas Costeiro e Marinho do Extremo Sul do Brasil**. Rio Grande: Ecoscientia, 1998.

VILLELA, Rubens Junqueira. Fenômenos Extremos no Brasil In: **Scientific American especial Extremos do Clima**. São Paulo: Duetto Editorial, 2011.